

O/A JOVEM HOMOSSEXUAL NA ESCOLA **Noções básicas de Direitos Humanos para Professores/as da Educação Básica**

Luiz Mott ¹

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de discutir criticamente a sexualidade humana, suas manifestações em várias instâncias da sociedade contemporânea. Discute também a homossexualidade e procura (des)construir preconceitos e discriminações referentes a orientação sexual das pessoas. Procura fornecer ainda dicas aos adultos, principalmente professores da Educação Básica, para uma aproximação com jovens homossexuais, ou que apresentam tendências homossexuais, no ambiente escolar.

1. Sexualidade Humana e Homossexualidade

Não há como negar ou esconder esta realidade: pesquisas científicas revelam que de cada quatro famílias, uma tem um filho ou parente gay, lésbica ou transgênero ². Embora estatísticas sobre a homossexualidade sejam raras e limitadas, o célebre *Relatório Kinsey* continua sendo a principal referência para se calcular a porcentagem dos praticantes do "amor que não ousa dizer o nome" ³: no Ocidente, por volta de 10% da população masculina e 6% da população feminina é constituída por homens e mulheres predominantemente ou exclusivamente homossexuais (KINSEY (1948); HART & RICHARDSON (1983); MOTT (1998); MIRABET e MULLOL (1985). Portanto, professores, familiares, educadores e profissionais da saúde devem sempre ter em mente que nem todos os jovens e adultos com que convivem são "naturalmente" heterossexuais. Além disso, uma pessoa entre dez, provavelmente não manifesta sua tendência ou demonstra que pratica o homoerotismo, o fazendo, secretamente, dada a intolerância e perseguição que ainda hoje pesam contra os homossexuais. Intolerância essa, que tem um nome científico: **homofobia** - aversão doentia contra a homossexualidade (HILTON, 1992; WINBERG, 1971; MOTT, 2002).

Conforme garantem os estudiosos da sexualidade humana, todos nós nascemos machos e fêmeas: a sociedade é que nos faz homens e mulheres. Este é um dos ensinamentos básicos da Antropologia e da Sexologia: a sexualidade humana não é fruto do instinto, mas uma construção

1 Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Graduado em Ciências Sociais (USP - 1968); Mestre em Etnologia (Paris IV – Sorbonne, 1971); Doutor em Antropologia (UNICAMP, 1975); Professor titular aposentado da Universidade Federal da Bahia; Assessor da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo. Campos de pesquisa: Antropologia e História, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras e História das Religiões. Temas: inquisição, homossexualidade, aids, hom ofobia e direitos humanos.

2 Transgênero: palavra usada pela Sexologia e Antropologia às pessoas que adotam o papel de gênero oposto que a cultura atribui a seu sexo biológico, incluindo travestis e transexuais (PFLAG, 1996).

3 Maneira como Oscar Wilde, em 1894, se referiu aos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

cultural (FORD & BEACH, 1952; GUERIN, 1980; SULLIVAN, 1996). Nascer com um pênis entre os humanos não implica necessariamente atração irresistível e incontrolável por uma vagina. Enquanto para os mamíferos a atração sexual é determinada pela química (o cheiro inebriante da fêmea na época do cio) entre os humanos, conforme ensinou Sigmund Freud (1956 – 1939), o desejo sexual é perverso e poliformo, fruto de uma paixão estética. Nossa libido pode encontrar satisfação não apenas na conjunção de dois aparelhos genitais diferentes, mas numa gama quase infinita de arranjos eróticos-sensuais (incluindo bonecas infláveis, animais domésticos, cópula anal, homoerotismo, manipulação clitoridiana ou peniana, voyeurismo, e a coqueluche do momento: sexo por telefone, pago em dólar por minuto!).

Portanto, para começo de conversa sobre a identidade homossexual e a educação diferenciada que devem ter os jovens gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, devemos partir de três postulados fundamentais da Antropologia da Sexualidade, conclusões resultantes de rigorosas pesquisas de campo, tão científicas e verdadeiras quanto a revolucionária teoria de Galileu sobre o sistema solar:

1) A sexualidade humana não é instintiva, mas uma construção cultural;

2) A cultura sexual humana varia de povo para povo e se modifica ao longo do tempo dentro de uma mesma sociedade;

3) Não existe uma moral sexual natural e universal, portanto a sexualidade humana é amoral, no sentido de que cada cultura determina, por razões subjetivas e nem sempre salutares, quais comportamentos sexuais serão aceitos ou condenados.

Esta pequena introdução justifica-se porque muitos educadores e pais costumam repetir acriticamente que o sexo foi criado por Deus somente para garantir a perpetuação da espécie, e que as "ousadias" decorrentes da famigerada revolução sexual dos anos 1970 foram culpadas pela crise pela qual passa a família tradicional e pelo surgimento da terrível epidemia do século XX: a AIDS. Esquecem-se que o sexo, mesmo entre muitas espécies animais, não visa exclusivamente à procriação, e que muitos animais copulam fora do período fértil, documentando-se a prática de relações entre animais do mesmo sexo em mais de trezentas espécies do reino animal (WALLACE, 1983; DANIEL, 1977).

Quanto à "epidemia do século", esquecem-se os moralistas de plantão de que a AIDS não é um castigo divino contra a promiscuidade sexual, posto ter surgido entre comportadas populações da África Central e só depois se expandiu para o mundo ocidental (AIDS: Do preconceito à solidariedade, 1990; AIDS: Somos todos mortais, 1988).

2 - Educação Sexual e jovens gays, lésbicas e transgêneros

Falar de educação diferenciada para jovens homossexuais no Brasil pode parecer, para alguns professores e pais mais conservadores, uma espécie de provocação dos próprios homossexuais assumidos, desejosos em fazer proselitismo de sua orientação sexual. Para

acalmar os educadores mais temerosos, começo esclarecendo algumas premissas que alicerçam tais proposições, que têm como suporte o princípio de que a livre orientação sexual dos jovens e adolescentes é um direito humano fundamental garantido pela Constituição Federal, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e pelos principais documentos internacionais de Direitos Humanos.

Marta Suplicy, uma das mais conceituadas sexólogas do Brasil, costuma enfatizar sempre, que a homossexualidade não é uma *opção*, do mesmo modo como ninguém *optou* por ser heterossexual (SUPLICY, 1983). Simplesmente, a criança ou o jovem começa a sentir atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto, ou pelos dois sexos. Há certo consenso entre os estudiosos da psicologia infantil em situar entre os 5 e 6 anos a idade onde começa a se definir nossa orientação sexual (e se fosse possível isolar um grupo de crianças de qualquer mensagem modeladora de seu *papel de gênero*, provavelmente haveria um número equilibrado de homos, heteros e bissexuais). Em nossa sociedade, marcadamente heteronormativa, o que ocorre é exatamente o contrário: as únicas imagens e mensagens bombardeadas na socialização formal e informal das novas gerações são a do casal heterossexual. O menino e a menina com desejos afetivo-sexuais predominantemente voltados para o mesmo gênero, sentem-se perdidos e oprimidos neste mundo que rotula seus sentimentos mais íntimos e queridos com palavras insultuosas: descarração, sem-vergonhice, pouca-vergonha, frescura, pecado mortal. O romancista francês Proust expressou de forma magistral o estigma homofóbico dominante em nossa tradição judaico-cristã: “Raça sobre a qual pesa a maldição e deve viver na mentira e no perjúrio, visto que sabe ser tido por punível e vergonhoso, por inconfessável, seu desejo, o que faz para toda criatura a maior doçura de viver” (PROUST, 1957).

Entre nós, os homossexuais representam tão somente 10% da população, porque vivemos numa sociedade ditatorialmente *heterossexista*, posto que as únicas imagens e mensagens bombardeadas na socialização formal e informal das novas gerações é a do casal heterossexual. Por quatro milênios nossos antepassados conviveram com leis que determinavam a pena de morte aos amantes do mesmo sexo, variando apenas a forma do extermínio: a pedradas nos tempos bíblicos, nas fogueiras na era da Inquisição, nos campos de concentração à época do nazismo.

3 - História de vida de um gay

Permita-me citar minha própria história de vida, pois faço parte dos 10% da população infanto-juvenil que foi vítima de cruel violência sexual: fui estupro psicológico. Não sofri violência sexual física, mas durante toda minha infância e adolescência, fui emocionalmente torturado dia após dia. Várias vezes por dia. E o pior de tudo, pessoa alguma jamais manifestou o menor apoio, solidariedade ou compaixão com aquele menininho que desde que chegou à idade da razão, se deu conta que era diferente de seus irmãos, primos e coleguinhas. Eu era *mariquinha!*

Ainda nem pensava em sexo, e já carregava o peso insuportável da discriminação: a molecada me xingava de *mulherzinha*! Eu era e me sentia diferente. Em vez de jogar futebol, preferia ficar sentado do lado de minha avó, ouvindo suas conversas com as amigas. As roupas de mulher me fascinavam. Certa vez uma de minhas irmãs reprovou meu novo penteado: “cabelo dividido no meio é coisa de almofadinha”. Fui obrigado a pentear o cabelo para trás. Aos 8 anos recebi enorme bronca por ter passado “rouge” no rosto. Era forçado a ir jogar futebol como antídoto à minha incontrolável efeminação. Embora adorasse brincar de casinha e sobretudo, fazer comidinha, internalizei a homofobia dominante em nossa sociedade heterossexista: não aceitava a possibilidade de ser homossexual.

Ao entrar na adolescência e começar sentir atração sexual não por meninas, mas por rapazes, sufoquei essa “maldita” tendência, suplicando a Nosso Senhor que me livrasse dessas tentações diabólicas. Como tantos outros jovens homossexuais, chorei muito, inconformado com esta maldição irrefreável que era alvo de tantos insultos e humilhações.

Pensei várias vezes em me suicidar ⁴. O pior de tudo era a falta de luz neste poço de solidão: ninguém que me esclarecesse sobre este desejo que se tornava cada vez mais forte; nenhum modelo positivo que me servisse de inspiração: ao contrário, minha maneira natural de ser e de me afirmar como ser humano era considerada por todos como pecado, descaração ou anormalidade.

Repito: estima-se que uma em cada quatro famílias abriga em seu seio um filho homossexual (PFLAG, 1996). Segundo especialistas ⁵em sexualidade humana, todos somos originalmente bissexuais - cabendo à moral dominante a canalização de nossa libido apenas para uma direção - a heterossexualidade. Fazemos parte de uma sociedade intolerante e heterossexista: só é legítimo e permitido o sexo do tipo “papai-mamãe”, todas as demais expressões eróticas são pecado, crime ou tratadas como aberração. Até o uso da camisinha e da pílula anticoncepcional é considerado pecado pelos religiosos mais conservadores.

4- Preconceito e discriminação anti-homossexual

A intolerância a homossexuais no Brasil não fica nada a dever às torturas inquisitoriais: nos arquivos do Grupo Gay da Bahia há dezenas de registros de meninos e adolescentes que sofreram todo tipo de violência física no momento em que seus pais descobrem que são homossexuais: humilhação, insultos, espancamento, expulsão de casa. Um destes adolescentes

⁴ Homossexuais de 13 a 18 anos de idade são sete vezes mais propensos a cometer o suicídio do que os heterossexuais masculinos na mesma faixa etária, segundo estudo publicado pelo *American Journal of Public Health*. A pesquisa foi feita por cientistas da Universidade de Minnesota (EUA), com base em dados de 36 mil adolescentes, dos quais 131 rapazes e 144 moças admitiram confidencialmente serem homossexuais ou bissexuais. Dos 131 homossexuais masculinos identificados, 28% apresentaram históricos de tentativas de suicídio - uma taxa sete vezes maior que a apurada para os heterossexuais, segundo outros estudos. Os pesquisadores concluíram que a causa dessa maior propensão ao suicídio é quase certamente a atitude discriminatória da sociedade com relação aos homossexuais masculinos. Não foram encontradas diferenças significativas de taxas de tentativas de suicídios entre as homossexuais e heterossexuais do sexo feminino (*Folha de São Paulo*, 29.08.97).

⁵ Freud, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo, Editora Imago, 1997

levou uma surra tão forte de seu pai, na frente da vizinhança, que teve de ir para o pronto socorro para engessar um braço; outro, ao ser surpreendido fazendo *troca-troca* com um coleguinha, sua mãe preparou um molho de pimenta malagueta, misturou numa garrafa de refrigerante e com pressão do gás meteu dentro do ânus do pobrezinho, repetindo a mesma sentença ainda hoje proferida pelo Brasil a fora: “prefiro um filho morto do que bicha!”. Certa feita recebemos a visita de Alex, um mini-travesti de 12 anos, que fugiu de casa após uma surra com cipó, e que encontrou na prostituição a única saída para não morrer de fome. Hoje se tornou portador do vírus da Aids.

Por conseguinte, já que o Conselho Federal de Medicina, o Conselho Federal de Psicologia, a Organização Mundial de Saúde e as principais Associações Científicas brasileiras e internacionais, desde 1970, nos Estados Unidos e desde 1985, entre nós, deixaram de considerar a homossexualidade como desvio ou doença, mas sim uma orientação sexual tão saudável e normal quanto a bissexualidade ou a heterossexualidade; já que desde 1821, com o fim do terrível tribunal da Santa Inquisição, o amor entre pessoas do mesmo sexo deixou de ser crime, não existindo nenhuma lei no Brasil que condene as relações homoeróticas; considerando que respeitados teólogos católicos, protestantes e judeus negam ser pecaminosa a prática homossexual (KOSNIK, 1982; VIDAL, 1985; HORNER, 1989; Boletim do GGB, 1996 - perguntamos: se não é pecado, crime ou doença ser gay, lésbica ou transgênero, o que justifica tanto medo e repressão contra os homossexuais? Resposta: ignorância, preconceito, falta de informação científica e desrespeito aos direitos humanos fundamentais do cidadão (Manual do Sobrevivência Homossexual, 1996; ABC dos Gays, 1995).

Já é tempo de se abandonar esta barbárie e estancarmos tamanha violência contra os/as jovens homossexuais. Neste sentido, o *Estatuto da Criança e do Adolescente* permite uma leitura mais humanitária e menos homofóbica, podendo tornar-se instrumento legal na defesa da livre orientação sexual dos/as jovens. Pretender “curar” um jovem gay ou adolescente lésbica fere um direito humano fundamental: a livre orientação sexual. Se a homossexualidade não é doença ou crime, por que impedir aos jovens homossexuais o livre exercício de sua identidade existencial? “A criança e o adolescente têm o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas” (*ECA - Artigo 15*). Humilhar, insultar ou castigar uma criança ou adolescente simplesmente porque demonstra tendência homossexual, é um acinte contra o artigo 17 do *Estatuto* quando garante: “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade e da autonomia”. Impedir que crianças e adolescentes desenvolvam livremente sua orientação homossexual viola o artigo 18 do mesma Lei quando determina: “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, atemorizante, vexatório ou constrangedor.”

Portanto, urge que os órgãos governamentais competentes, ao divulgar a *Campanha Nacional de Combate à Violência contra a Criança*, condenem não apenas a exploração sexual e

prostituição infanto-juvenil, mas também o estupro psicológico e as intimidações e violências físicas praticadas contra os jovens homossexuais.

Educação sexual científica nas escolas e punição dos homófobos é um primeiro passo para se corrigir tais abusos. Afinal, a Constituição Federal estipula como um dos objetivos fundamentais da República: “lutar contra todas as formas de preconceitos”. E a homofobia, comprovadamente, é ainda o principal preconceito existente em nossa sociedade. A livre orientação sexual infanto-juvenil também é direito humano fundamental e só uma educação diferenciada, que respeite as especificidades étnicas e a livre orientação sexual das crianças e adolescentes, poderá garantir que cada um/uma se constitua como sujeito a partir de suas diferenças identitárias. Afinal, as crianças e adolescentes homossexuais também são seres humanos, cidadãos e têm os mesmos direitos que qualquer outra criança ou adolescente. É crueldade serem humilhadas, castigadas e violentadas física e psicologicamente só porque manifestam a mesma orientação sexual de Michel Ângelo, Sheakspeare, Oscar Wilde, Elton John ou Martina Navratilova, entre outros luminares gays e lésbicas que honram a espécie humana.

Tendo em vista a dramática situação relativamente freqüente e comum de muitos pais, educadores e profissionais da saúde que se confrontam com a presença de jovens homossexuais em seu círculo de relações, enumeramos a seguir uma série de sugestões que devem ser levadas em consideração pelo professor e pela professora ao orientar um/a jovem aluno/a que apresenta tendências homossexuais e solicita seu auxílio. Caso o/a adolescente procure aconselhamento junto a profissionais ou a algum/a amigo/a ou familiar, estas questões auxiliarão os mais velhos a orientá-lo de forma mais solidária e conseqüente, na busca de sua realização como ser humano ⁶.

5. Como interagir com jovens homossexuais

Certamente muitos professores e inumeráveis famílias tiveram de enfrentar a dramática situação de conviver com um jovem homossexual. Digo situação dramática porque de fato, numa sociedade violentamente heterossexista - aonde até defensores dos direitos humanos chegam ao cúmulo de referir-se à homossexualidade como “aberração”, “falta de vergonha” e “cachorrada” (Boletim do Grupo Gay da Bahia, 1996, 1998; MOTT et all, 2002), ter um gay, lésbica ou travesti dentro de casa ou numa sala de aula, dá motivo a cruéis manifestações de preconceito e discriminação. Há registro de casos de meninos pré-adolescentes efeminados em Santa Catarina e na Bahia que foram esmurrados por seus colegas e tiveram de ser medicados no Pronto Socorro, tamanho o ódio homofóbico despertado no meio escolar.

Muitos educadores costumam colocar esta questão: “Tenho um aluno homossexual na sala de aula: como devo agir?”.

A primeira atitude é não se surpreender nem fazer escândalo: o homoerotismo sempre existiu, sobretudo entre adolescentes. O estranho seria a ausência de estudantes com tendência

⁶ Esse texto se inspirou no folheto *Read this before coming out to your parents: A guide for your and your parents*, (1984) da *Federation of Parents and Friends of Gays and Lesbians*, Filadélfia, USA.

ou conduta homossexual. Procure ganhar a confiança do aluno ou aluna para que sinta em você um aliado com quem pode se abrir e ter solidariedade no caso de ser discriminado.

A segunda medida mais inteligente e respeitadora dos direitos humanos, é oferecer apoio no caso de perceber que o aluno ou a aluna demonstram necessitar deste tipo de atenção. Tais jovens geralmente vivenciam profundos conflitos pessoais e sociais, pois costumam ser rejeitados pela família e pelos colegas. Ser gay, lésbica, travesti ou transexual não é um problema em si, nem reflete necessariamente transtornos familiares ou desajuste psicológico. O problema é a intolerância dos outros - que como os racistas e machistas, oprimem quem não é igual a si.

Professores e familiares devem proteger sempre o jovem homossexual contra agressões físicas e verbais. Os abusos e tratamento violento devem ser denunciados e punidos: gays, lésbicas e transgêneros devem ter sua privacidade e liberdade respeitadas. A livre orientação sexual dos jovens é também um direito humano fundamental. Urge que os demais alunos/as discutam as questões referentes ao preconceito e a discriminação na escola, numa perspectiva crítica e histórica, com vistas a uma postura contrária ao preconceito e a discriminação de qualquer espécie, para que assim, sejam solidários com seus colegas, ditos "diferentes" - sejam membros de minorias étnicas, sexuais ou ostentem deficiência física.

É importante que pais e educadores conheçam os endereços de entidades e organizações gays que possam servir de apoio na definição da orientação sexual dos jovens. O/a adolescente inquieto/a com sua homossexualidade prefere geralmente conversar com pessoas fora de seu meio familiar, da escola ou da igreja. Se não tiver apoio confiável e responsável, poderá optar por experiências em lugares anônimos, perigosos e marginais. Também no Brasil, nas principais capitais, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, já existem grupos específicos de apoio para gays, lésbicas, travestis e transexuais, além de grupos de ajuda ligados às ONGs (Organizações não-Governamentais) que trabalham na prevenção da Aids e dos Direitos Humanos.

Referências

ABC dos Gays, Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia & Ministério da Saúde, 1995.

AIDS: Do preconceito à solidariedade. Edições Paulinas, São Paulo, 1990;

AIDS: Somos todos mortais. Comunicações do ISER, ano 7, n.31, 1988.

Boletim do Grupo Gay da Bahia, n.37, jan/fev.1998.

DANIEL, M. Baudry, A. **Os Homossexuais**. Rio de Janeiro, Arte Nova, 1977.

FORD, C. & BEACH, F. **Patterns of Sexual Behavior**. London, Eyre & Spottiswoode, 1952.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. São Paulo, Editora Imago, 1997.

- GUERIN, D. **A Revolução Sexual**. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- HART, J. & RICHARDSON, D. **Teoria e Prática da Homossexualidade**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.
- HILTON, B. **A Homofobia tem cura?** São Paulo, Edições Ouro, 1992.
- HORNER, T. **Sexo na Bíblia**. São Paulo, Editora Gemini, 1989.
- KINSEY, A. **Sexual Behaviour in the Human Male**. Filadelfia, W.B.Sauders, 1948.
- KOSNIK, A. **A Sexualidade Humana: Novos Rumos do Pensamento Católico Americano**. Petrópolis, Vozes, 1982.
- Manual do Sobrevivência Homossexual**. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia & Fundação de Direitos Humanos da Noruega, 1996.
- MIRABET i MULLOL, A. **Homosexualidad Hoy**. Barcelona, Herder, 1985.
- MOTT, Luiz. **"Estereótipos sexuais tupiniquins"**. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 18-1-1998.
- MOTT, Luiz et all. **O Crime Anti-Homossexual no Brasil**. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia, 2002.
- Padres e Pastores Abençoam a União Civil Homossexual**, Boletim do GGB, n.32, ano XVI, set/1996.
- PFLAG. **Sejamos compreensivos com nossos filhos homossexuais**. Salvador, Grupo Gay da Bahia e Associação de Amigos e Familiares de Homossexuais, 1996.
- PROUST, Marcel. **Sodoma e Gomorra**. Em busca do tempo perdido. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1957.
- SULLIVAN, A. **Praticamente Normal: Uma discussão sobre o homossexualismo**. S. Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- SUPLICY, Marta. **Conversando sobre Sexo**. Petrópolis, Editora Vozes, 1983.
- VIDAL, M. **Homossexualidade: Ciência e Consciência**. Rio de Janeiro, Edições Loyola, 1985.
- "Violação dos Direitos Humanos dos Homossexuais no Brasil"**, **Boletim do Grupo Gay da Bahia**, n.33, Maio/1996.
- WALLACE, R. **O Sexo entre os Animais**. São Paulo, Editora Francisco Alves, 1983.
- WINBERG, G. **La Homosexualidad sin prejuicios**. Barcelona, Granica Editor, 1971.